

Álvares de Azevedo	Gastão Cruls
Machado de Assis	Léo Vaz
Artur Azevedo	Menotti del Picchia
J. Simões Lopes Neto	Hugo de Carvalho Ramos
Afonso Arinos	Rodrigo M.F. de Andrade
Valdomiro Silveira	Ribeiro Couto
João do Rio	Alcântara Machado
Lima Barreto	João Alphonsus
Monteiro Lobato	Darcy Azambuja
Roque Callage	Marques Rebelo

MÁRIO DE ANDRADE

SEUS CONTOS
PREFERIDOS

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
Luiz Ruffato

**TINTA
negra**

SUMÁRIO

<i>As escolhas de Mário de Andrade</i> , Luiz Ruffato.....	7
<i>Jobann</i> , Álvares de Azevedo.....	15
<i>O alienista</i> , Machado de Assis.....	21
<i>O enfermeiro</i> , Machado de Assis.....	69
<i>A causa secreta</i> , Machado de Assis.....	78
<i>Plebiscito</i> , Artur Azevedo.....	88
<i>O boi velho</i> , J. Simões Lopes Neto.....	92
<i>Pedro Barqueiro</i> , Afonso Arinos.....	96
<i>Camunbengue</i> , Valdomiro Silveira.....	105
<i>O bebê de tarlatana rosa</i> , João do Rio.....	113
<i>A nova Califórnia</i> , Lima Barreto.....	119
<i>A vingança da peroba</i> , Monteiro Lobato.....	129
<i>Quero-quero</i> , Roque Callage.....	143
<i>Meu sócia</i> , Gastão Cruls.....	146
<i>Ritinha</i> , Léo Vaz.....	158
<i>A mulher que pecou</i> , Menotti del Picchia.....	189
<i>Caminho das tropas</i> , Hugo de Carvalho Ramos.....	228
<i>O enterro de seu Ernesto</i> , Rodrigo M.F. de Andrade.....	233
<i>Baianinha</i> , Ribeiro Couto.....	242
<i>Gaetaninho</i> , Alcântara Machado.....	253
<i>Galinha cega</i> , João Alphonsus.....	256
<i>Contrabando</i> , Darcy Azambuja.....	264
<i>Oscarina</i> , Marques Rebelo.....	271
<i>Fac-símile da entrevista de Mário de Andrade concedida a</i> <i>Revista Acadêmica</i>	307

AS ESCOLHAS DE MÁRIO DE ANDRADE

Luiz Ruffato

Em maio de 1938, Mário de Andrade, já consagrado no meio intelectual brasileiro, demite-se da chefia do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo e transfere-se para o Rio de Janeiro, nomeado professor-catedrático de Filosofia e História da Arte da Universidade do Distrito Federal*, onde permaneceria até 1941. Em agosto daquele mesmo ano, a *Revista Acadêmica*** , que apesar do título era um importante órgão de divulgação do ideário progressista, inicia a publicação do resultado do inquérito “Quais são os dez melhores contos brasileiros?”, a que foram submetidos dezenas de escritores.

Em algum momento da década de 1990, deparei-me com as respostas dadas por Mário de Andrade e, incitado pela proposição da revista (“O inquérito interessa por vários motivos, principalmente porque vem prestigiar o gênero, fazendo uma seleção que um editor qualquer poderá aproveitar para um volume, o que torna a ideia mais prática ainda”***), comecei a imaginar uma coletânea com os contos por

* Núcleo que deu origem à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

** Nascida de uma dissidência do jornal literário carioca *Dom Casmurro*, a *Revista Acadêmica* tirou setenta números entre 1933 e 1945, dirigida por Murilo Miranda, Moacyr Werneck de Castro e Carlos Lacerda.

*** Em 1943, Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro compilaram as respostas ao inquérito da *Revista Acadêmica* e publicaram *Obras-primas do conto brasileiro*, reunindo 28 autores, dentre os mais citados.

ele enumerados* — que só agora, quase duas décadas depois, vem a público.

Enquanto a maioria de seus colegas optou por seguir à risca a sugestão da revista, citando a dezena de contos preferidos, Mário de Andrade anotou, em sua resposta, que “os dez melhores contos da literatura brasileira são, pelo menos, duas dúzias”**, arrolando 23 títulos de 21 autores diferentes (Machado de Assis comparece com três histórias e o 24º lugar é deixado em aberto como “vaga para o conto desconhecido”, uma maneira elegante de lembrar-se sem incluir-se***). Eis a listagem, “sem ordem de preferência”:

- 1 — “Pedro Barqueiro”, de Afonso Arinos
- 2 — “Meu sócia”, de Gastão Cruls
- 3 — “Plebiscito”, de Artur Azevedo
- 4 — “Oscarina”, de Marques Rebelo
- 5 — “O enfermeiro”, de Machado de Assis
- 6 — “O alienista”, de Machado de Assis
- 7 — “A causa secreta”, de Machado de Assis
- 8 — “Quero-quero”, de Roque Callage
- 9 — “Galinha cega”, de João Alphonsus
- 10 — “Gaetaninho”, de Antônio de Alcântara Machado
- 11 — “Chô pan!”, de Monteiro Lobato
- 12 — “O bebê de tarlatana rosa”, de João do Rio
- 13 — “O enterro de seu Ernesto”, de Rodrigo Melo Franco de Andrade
- 14 — (“Não me lembro o nome do conto”), de Darcy Azambuja

* Mário de Andrade comentaria o inquérito da *Revista Acadêmica*, em artigo de 13 de setembro de 1938, publicado em *O empalhador de passarinho* (1. ed.: 1944). Neste artigo, “Contos e contistas”, ele formula a célebre definição: “[...] será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto”. In: *O empalhador de passarinho*. São Paulo/Brasília: Martins/INL, 1972, p. 5.

** Op. cit.

*** Contos de Mário de Andrade aparecem em 70% das listas publicadas. O escolhido para figurar na antologia *Obras-primas do conto brasileiro* foi “Nízia Figueira, sua criada”. V. BARBOSA, Almiro Rolmes; CAVALHEIRO, Edgard. *Obras-primas do conto brasileiro*. 10. ed. São Paulo: Martins, 1966, p. 192-207.

- 15 — (“Não me lembro o nome do conto”), de Valdomiro Silveira
- 16 — “A nova Califórnia”, de Lima Barreto
- 17 — “O 1º conto de *Tropas e boiadas*”, de Carvalho Ramos
- 18 — “Boi velho”, de Simões Lopes Neto
- 19 — “Baianinha”, de Ribeiro Couto
- 20 — “Aquele conto dos dois irmãos na *Noite na taverna*”, de Álvares de Azevedo
- 21 — “Bazar Colosso”, de Prudente de Moraes, neto
- 22 — “Ritinha”, de Léo Vaz
- 23 — “A mulher que pecou”, de Menotti del Picchia
- 24 — (“Vaga para o conto desconhecido”)

Dos 23 textos listados, dezenove são claramente nomeados e dois de fácil inferência (basta uma rápida consulta para descobrir que “o 1º conto de *Tropas e boiadas*” e “aquele conto dos dois irmãos na *Noite na taverna*” são “Caminho das tropas” e “Johann”, respectivamente). No entanto, dois dos contos “claramente nomeados” mostraram-se de custosa identificação, por razões bastante diversas: “Chô pan!” e “Bazar Colosso”.

“Chô pan!”, de Monteiro Lobato (1882-1948), não aparece em nenhuma bibliografia contemporânea do autor. Publicado originalmente em *Urupês* como “Chóóó! Pan!”, em 1918, foi reeditado com este título até pelo menos 1923. Em 1935, ressurge em *Contos pesados** com o título de “A vingança da peroba”, com o qual passará a ser conhecido em definitivo a partir da edição de 1937 de *Urupês*** . Portanto, é bem possível que, em 1938, Mário não tivesse conhecimento dessa modificação***.

* Sob este título, Lobato reuniu, em “edição definitiva” os contos de *Urupês*, *Negrinha* e *O macaco que se fez homem*. O outro volume, *Contos leves*, incorporava textos de *Cidades mortas*, *Literatura do Minarete* e *No meio do caminho*.

** V. MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato* — história das edições dos contos lobatianos. Campinas: Unicamp, 2003. Tese de doutoramento. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000301166>>.

*** “Chô pan!” esteve entre os mais votados ao fim do inquérito realizado pela *Revista Acadêmica*. No entanto, quando foram organizar a antologia *Obras-primas do conto*

Já com relação a “Bazar Colosso”, de Prudente de Moraes, neto (1904-1977), também citado na listagem de Sérgio Buarque de Hollanda, a dificuldade foi localizar o texto. O autor, sob o pseudônimo de Pedro Dantas, embora tenha tido uma importantíssima atuação na fase heróica do Modernismo, a década de 1920, não deixou nenhum livro publicado. O registro de sua exígua obra em prosa encontra-se espalhado pelos periódicos da época* — já sua também parca produção poética (dezoito poemas) encontra-se recolhida na *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, organizada por Manuel Bandeira, e publicada em 1946**.

O problema é que nem Mário nem Sérgio Buarque deixaram qualquer pista sobre onde o conto teria sido publicado originalmente — após alguma pesquisa, descobri-o na *Revista Nova****, assinado sob o pseudônimo de Pedro Dantas****. Entretanto, infelizmente, o leitor não poderá conhecer a história do senhor Oliveira, o português dono do Bazar Colosso, que, embora tenha devotado toda a sua vida, afetiva e financeira, à filha Dedé, vê seu mundo desmoronar quando ela foge de

brasileiro, BARBOSA e CAVALHEIRO tiveram uma surpresa: o autor, Monteiro Lobato, discordou da escolha e no livro optou-se por publicar outro título, “Colcha de retalhos”. V. Op. cit., p. XIII.

* Além de constar, com “Bazar Colosso”, da lista de Mário de Andrade e de Sérgio Buarque de Hollanda, Prudente de Moraes, neto, aparece também na de Vinícius de Moraes com dois contos “inéditos”: “Carlota” e “Moleque Lourival”.

** Assim Manuel Bandeira apresenta o escritor: “Pedro Dantas é o pseudônimo literário adotado desde 1928 por Prudente de Moraes, neto. [...] Começou a carreira literária fundando em 1924, com Sérgio Buarque de Hollanda, a revista *Estética*, a qual exerceu grande influência no movimento modernista. Colaborou nas melhores revistas de vanguarda e na revista *A Ordem* manteve durante algum tempo uma seção de crítica de poesia. Por encomenda do Ministério das Relações Exteriores escreveu uma excelente memória sobre o romance brasileiro. Nunca publicou livro, e a sua obra de poeta, contista e ensaísta jaz quase toda inédita”. In: *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966, p. 203.

*** A *Revista Nova*, fundada e dirigida por Paulo Prado, Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado, em São Paulo, publicou dez números, entre 15 de março de 1931 e 15 de dezembro de 1932.

**** Ano 1, n. 1, p. 80-101, 15 mar. 1931.

casa “com o homem a quem ama” — os detentores dos direitos autorais de Prudente de Moraes, neto, não autorizaram a sua publicação.

Restaram ainda dois contos, cujos títulos Mário de Andrade afirma não se lembrar: um de Darcy Azambuja (1903-1970), outro de Valdomiro Silveira (1873-1941). Silveira, embora tivesse começado a publicar seus contos em jornais do interior de São Paulo a partir de 1891, estreia em livro apenas em 1920, com *Os caboclos*. Em 1938, ele já havia lançado outros dois títulos: *Nas serras e nas furnas*, de 1931, e *Mixuangos*, de 1937. Em *Obras-primas do conto brasileiro*, organizado por Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro a partir do inquérito da *Revista Acadêmica*, Silveira comparece com o conto “Truque”*. No entanto, tomei a liberdade de optar por “Camunhengue”, de *Os caboclos*, que me parece mais próximo, formal e tematicamente, das outras escolhas de Mário de Andrade — sob este mesmo argumento, escolhi, no único livro de Darcy Azambuja publicado antes de 1938, *No galpão*, de 1925**, o conto “Contrabando”***.

* Op. cit., p. 267-274.

** O autor publicaria apenas mais dois livros, *Romance antigo*, em 1940, e o volume de contos *Coxilhas*, em 1957.

*** Há várias aproximações possíveis para tentar compreender as preferências de Mário de Andrade — ofereço uma, agrupando os contos escolhidos em três grandes eixos temático-formais:

1) Oito histórias que têm como cenário o mundo rural e como fulcro a tragédia: “Boi velho”, de J. Simões Lopes Neto; “Pedro Barqueiro”, de Afonso Arinos; “Camunhengue”, de Valdomiro Silveira; “A vingança da peroba”, de Monteiro Lobato; “Quero-quero”, de Roque Callage; “Ritinha”, de Léo Vaz; “Caminho das tropas”, de Hugo de Carvalho Ramos; e “Contrabando”, de Darcy Azambuja.

2) Sete histórias em que emerge o insólito, o incomum, o estranho: “Johann”, de Álvares de Azevedo; “O alienista”, “O enfermeiro” e “A causa secreta”, de Machado de Assis; “O bebê de tarlatana rosa”, de João do Rio; “A nova Califórnia”, de Lima Barreto; e “Meu sócia”, de Gastão Cruls.

3) Oito histórias urbanas, que tratam dos pequenos dramas da vida miúda: “Plebiscito”, de Artur Azevedo; “A mulher que pecou”, de Menotti del Picchia; “O enterro do seu Ernesto”, de Rodrigo M. F. de Andrade; “Baianinha”, de Ribeiro Couto; “Gaetaninho”, de Alcântara Machado; “Galinha cega”, de João Alphonsus; “Bazar Colosso”, de Prudente de Moraes, neto; e “Oscarina”, de Marques Rebelo. Estes três eixos temático-formais, de alguma maneira, estão presentes no horizonte das preocupações de Mário de Andrade: o primeiro, o mundo rural, o Brasil profundo, em suas pesquisas sobre folclore e cultura popular e, também, em

Vistas a partir de hoje, algumas das preferências apontadas por Mário de Andrade podem soar estranhas, mas estão perfeitamente contextualizadas àquele momento. Afora Machado de Assis (1839-1908), já indiscutivelmente canônico em 1938*, lembrado por quase todos os participantes do inquérito, a maioria de suas escolhas coincide com as listas dos colegas. Assim, Monteiro Lobato, por exemplo, com quem os modernistas tiveram embates terríveis na década de 1920, é citado quase tantas vezes quanto Machado de Assis. Também João do Rio (1881-1921) e Lima Barreto (1881-1922) são nomes frequentes nas listagens — curiosamente, os dois autores seriam resgatados no século XXI do ostracismo a que estiveram relegados durante boa parte da segunda metade do século XX, enquanto Lobato ainda amarga certa incompreensão da crítica.

Do rol de Mário, encontram-se ainda, entre os mais mencionados no inquérito, Artur Azevedo (1855-1908), J. Simões Lopes Neto (1865-1916), Afonso Arinos (1868-1916), Gastão Cruls (1888-1959), Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), Ribeiro Couto (1898-1963), Alcântara Machado (1901-1935), João Alphonsus (1901-1944), Marques Rebelo (1907-1973) e Valdomiro Silveira — todos, à exceção de Cruls**, nomes incorporados à história da literatura brasileira. As opções mais “extravagantes” de Mário de Andrade se resumem a Prudente de Moraes, neto, Darcy Azambuja, Roque Callage (1888-1931)*** e Léo Vaz (1890-1973)****. Rodrigo M. F. de Andrade (1898-1969), embora autor

Macunaíma; o segundo, o incomum, em seu romance *Amar, verbo intransitivo*; e o terceiro, a vida ordinária, mote da maioria de seus contos.

* No ano seguinte, 1939, o centenário de nascimento de Machado de Assis serviria para sua consagração definitiva como o mais importante escritor brasileiro de todos os tempos e um dos mestres da língua portuguesa.

** Singular o caso Gastão Cruls. Filho do eminente cientista belga Luis Cruls (astrônomo e explorador), aparece em todas as antologias de contos da primeira metade do século XX, sempre com destaque para sua obra, composta por romances (*Amazônia misteriosa*, de 1925; *Elsa e Helena*, de 1927) e contos (*Coivara*, de 1910; *Ao embalo da rede*, de 1923; *História puxa história*, de 1938). A partir da década de 1960, seu nome vai desaparecendo, até mergulhar no mais profundo anonimato.

*** Autor hoje esquecido, mesmo entre os “regionalistas” gaúchos, publicou várias coletâneas de contos, entre elas *Escombros* (1910), *Terra gaúcha* (1914) e *Quero-quero* (1927).

**** Jornalista e escritor, publicou, entre outros, o romance *O professor Jeremias* (1920), *Ritinha e outros casos* (1923), além de *O burrico Lúcio* (1951).

de um único livro, *Velórios*, de 1936, é reconhecido como cultor de obras-primas, enquanto Menotti del Picchia (1892-1988) tem seu lugar assegurado como poeta modernista de primeira hora*.

Meu intuito, com a publicação de *Mário de Andrade — Seus contos preferidos*, que reúne 22 dos 23 contos listados**, é oferecer esta espécie de paideuma andradiano como uma oportunidade de reflexão sobre as escolhas estéticas (e portanto políticas) deste que é um dos mais importantes pensadores da cultura brasileira. Compreendo-o melhor, talvez possamos entendermo-nos com mais profundidade.

Para esta antologia, os contos foram reordenados, já que, na listagem de Mário de Andrade, aparentemente eles entram ao sabor da lembrança. Então, aqui, eles aparecem cronologicamente, de acordo com a data de nascimento do autor.

A Michelle Strzoda agradeço pelo entusiasmo com que abraçou este projeto.

* O poeta Álvares de Azevedo (1831-1852), também iniciador do conto entre nós, com seu magnífico *Noite na taverna*, não teve seu nome lembrado por ninguém além de Mário de Andrade. Talvez, arrisco uma hipótese, pelo fato de os autores à época não reconhecerem, em sua prosa atemporal, anespacial e alucinada, os verdadeiros traços de “conto brasileiro”.

** Na “vaga para o conto desconhecido”, equivalente ao 24º conto, eu aceitaria a sugestão de Mário de Andrade e escolheria para o lugar “O peru de Natal”, de sua autoria, um dos mais belos contos da língua portuguesa. Escrito em 1938, com versão definitiva em agosto de 1942, foi publicado no volume póstumo *Contos novos*, cuja primeira edição saiu em fevereiro de 1947.